



O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS SURDOS MATRICULADOS NO 6º ANO/9 DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA E.E.E.F. BARÃO DO RIO BRANCO, EM BELÉM, ESTADO DO PARÁ.

Nathalia Cristina Nogueira Gonçalves (Autora)

Eixo: Experiências Pedagógicas e Institucionais com o Público-Alvo da Educação Especial
Comunicação Oral

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma reflexão acerca do ensino da língua inglesa para surdos do 6º ano/9 na E.E.E.F. Barão do Rio Branco, situada no município de Belém, no estado do Pará. O objetivo foi analisar o processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa em uma classe de ensino regular. Como metodologia, optou-se pelo Estudo de Caso, a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando-se de observação participante, levantamento bibliográfico, e entrevistas com professores, a fim de analisar as questões pertinentes a esta abordagem, organizou-se o desenvolvimento do tema da seguinte maneira: em dois tópicos, sendo que o primeiro busca discutir o ensino/aprendizagem do inglês para surdos numa sala de ensino regular, e o segundo demonstra as concepções das professoras que atuam na disciplina inglês para surdos. Algumas referências da pesquisa foram PCNs de Língua Estrangeira, LDB 9.394/96, Constituição de 1988, entre outras leis que regem a educação especial. A partir dos estudos de caso, pretende-se refletir sobre as particularidades do ensino e aprendizagem de língua inglesa no contexto de uma escola regular pública. Por meio dos resultados, constatou-se que, o ensino de inglês foi aprendido de uma forma significativa, tendo êxito na leitura e na escrita da língua inglesa. Essa aprendizagem aconteceu através de conteúdos passados no quadro, e sempre associando o inglês com o português, além do mais, os exercícios geralmente eram mais de gramática e outros eram lúdicos, bem ilustrativos.

Palavras-chave: Surdez. Língua inglesa. Ensino e aprendizagem.



1. INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar o ensino do inglês para surdos surgiu a partir de reflexões pessoais como participante bolsista do PROINT – Programa Integrado de Apoio, Pesquisa e Extensão, intitulado “Abordagens metodológicas aplicadas ao ensino de Português como segunda língua para surdos” que promoveu ações de ensino, pesquisa e extensão na área da Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS¹ para os professores que trabalham em instituições que se dedicam ao atendimento de pessoas surdas durante a fase de escolarização.

Durante o período de vigência do projeto tive oportunidade de estagiar na U.E.E.S. Professor Astério de Campos, onde é desenvolvido trabalho especializado de ensino às pessoas surdas e, onde pude acompanhar, durante três meses, surdos matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental. No decorrer desse estágio, pude observar os professores especializados ensinando algumas disciplinas, o que me despertou no sentido de entender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa. A partir daí tive interesse em aprofundar meu conhecimento a respeito de metodologias que pudessem estar sendo aplicada no ensino público regular com pessoas surdas.

Ao iniciar o levantamento bibliográfico, pude perceber que há mais trabalhos publicados que estão relacionados à utilização da Libras, seja como função de comunicação seja como suporte ao ensino da língua portuguesa como segunda língua (L2). Em relação ao ensino de língua estrangeira, constatei que havia poucas publicações.

Assim sendo, tendo como referência a experiência de meu estágio, vislumbrei entender como se desenvolve o processo de ensino e aprendizagem do inglês para alunos surdos na escola de ensino regular público, identificar se o ensino e a aprendizagem dos alunos surdos têm o auxílio de intérprete² e / ou professor

¹LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

² Intérprete é uma pessoa que traduz as palavras de uma língua para outra língua.



itinerante³ para auxiliar nas aulas de inglês, bem como, busquei analisar a relação entre os alunos surdos e alunos ouvintes nas aulas de inglês.

Na busca de condições ideais para aprendizagem dos surdos, vale ressaltar a necessidade de professores qualificados que tenham habilidades específicas para criar no contexto das aprendizagens, situações que sejam facilitadoras ou que minimizem os problemas de aprendizagens das pessoas surdas. Ademais, há que se refletir sobre a necessidade de profissionais qualificados a fim de promover um ensino na modalidade inclusiva, tais como os itinerantes e intérpretes que auxiliam os professores no ensino de pessoas surdas.

No contexto da aprendizagem de pessoas surdas, este artigo busca discutir a inserção da Língua Inglesa, mais precisamente a língua inglesa, no currículo do ensino fundamental da E.E.E.F. Barão do Rio Branco, a partir de observações realizadas com o intuito de verificar o ensino do inglês para alunos surdos, uma vez que esta escola possui alunos com diversas deficiências, dentre os quais incluem-se duas alunas surdas que estão matriculadas no 6º ano, que, comumente, exigem dos profissionais envolvidos no processo de aprendizagem, habilidades específicas para atender suas necessidades educacionais.

Diante dos procedimentos metodológicos verificados na aprendizagem destas duas alunas surdas, vale ressaltar as entrevistas realizadas com as professoras Clara⁴ e Rose, esta última trabalhando na condição de itinerante, ambas desenvolvendo atividades com a turma do 6ºano/9, no turno da manhã.

Esta pesquisa baseou-se em observações nas aulas de inglês, no entanto, tive a possibilidade de entender melhor sobre o ensino da professora de inglês e do ensino da itinerante de forma separadamente e unificada. Pois durante o período de estágio, a professora de inglês conseguiu de forma significativa passar os conteúdos de inglês

³ O termo itinerante tem o objetivo de prestar assessoria às escolas regulares que possuem alunos com necessidades especiais incluídos, tendo como atribuição a produção de materiais pedagógicos necessários ao trabalho com estes alunos.

⁴ Para preservar a identidade da professora entrevistada, utilizei um nome fictício de forma que possamos dar um melhor esclarecimento sobre aos assuntos discutidos.



tanto para as alunas surdas, quanto para os ouvintes. Porém, ela precisou do auxílio da itinerante em dois momentos, nos quais faziam referências as avaliações.

É importante ressaltar sobre as observações nas aulas da professora Clara que, o ensino da língua inglesa é essencial para que se tenha um aprendizado significativo através do convívio entre os alunos surdos e os ouvintes. Pois houve ajuda mútua entre eles, fazendo com que as dificuldades no idioma fossem minimizadas através da LIBRAS, de mímicas e até mesmo pela leitura labial.

Para discutir em mais profundidade as questões relacionadas ao caso das alunas matriculadas na E.E.E.F. Barão do Rio Branco. Este artigo propõe um diálogo com os autores MAZZOTI, (2005); PACHECO, (2007); que atuam na área da educação especial e na área da surdez, o autor SILVA (2000), que atua na área da língua inglesa para surdos.

Apesar de uma pesquisa teórica para a construção deste trabalho sobre o determinado tema “Inglês para Surdos” tratando-se de um estudo de caso, a pesquisa terá seu enfoque centrado no ensino e aprendizado da língua inglesa para surdos, onde buscou difundir um conhecimento que seja pertinente a discussões científicas favoráveis a compreensão social. Neste aspecto entende-se que:

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (CHIZZOTTI, 2001, p. 102).

A pesquisa terá uma abordagem qualitativa de análise, a qual é usada para se referir a diversas características, uma delas é a coleta de dados.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não poder ser quantificado. Ou seja, ele trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1993, p. 21-22).



Os dados coletados serão obtidos através das informações contidas nas entrevistas, a qual será oferecida à professora e à itinerante, e também por observações nas aulas de inglês e convívio entre os alunos surdos e ouvintes.

As análises dos conteúdos das entrevistas foram realizadas de maneira a considerar significativamente as questões abordadas pelo objeto/sujeitos de pesquisa, onde buscou trabalhar com minúcia acerca dos mais diversos aspectos destacados por este e transmitidos indiretamente no ato da entrevista. Desta forma consideraremos as três etapas de análise de conteúdo ressaltadas por Bardin (1977), a de pré - análise; a exploração do material e a etapa de tratamento dos resultados e interpretação.

DESVENDANDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA PARA SURDOS NA SALA DE AULA REGULAR

Quando abordamos a respeito do ensino/aprendizagem da língua inglesa para alunos surdos é importante ressaltar a realidade da escola para sabermos sobre os aspectos estruturais e educacionais. Diante desse contexto, a pesquisa foi realizada durante o segundo semestre letivo do ano de 2012, na Escola Estadual Ensino Fundamental Barão do Rio Branco, localizada no bairro de Nazaré, em Belém, no estado do Pará.

Esta possui uma estrutura grande, adequada à quantidade de alunos e funciona no período da manhã e a tarde. A escola contém dez salas de aula, uma sala de leitura, uma sala de informática e a sala que funciona o AEE – Atendimento Educacional Especializado.

Então para a efetivação deste estudo, em uma quarta-feira de novembro foi iniciada a observação no 6º ano/9, pois nesta turma havia duas alunas surdas



estudando com os alunos ouvintes. A sua primeira comunicação verbal foi feita com a professora de inglês, Clara. Inicialmente a professora se sentiu insegura com a presença de outra pessoa (a pesquisadora) durante as suas aulas, principalmente porque ela não conhecia a LIBRAS para se comunicar com as alunas surdas.

Neste caso observa-se que pelo fato de sua formação acadêmica não está relacionada com a Educação Especial, há algumas dificuldades em trabalhar nesta área. No entanto, a professora é graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Exerce a profissão há doze anos. Clara possui mestrado na área da Educação, porém não tem pós-graduação na área de educação inclusiva e cursos de LIBRAS.

Durante a observação conversou-se ainda com a professora itinerante, Rose. Na qual auxiliava todas as turmas que continham alunos com alguma deficiência educativa especial. No início da conversa com a pesquisadora a itinerante sempre se sentiu segura em falar de seu trabalho na escola. Entretanto, a ela é graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, exerce a profissão há sete anos, possui duas especializações na área de Educação Especial e possui curso de Braille e de Libras.

Ainda no momento da observação, foi descoberto que havia duas alunas surdas no 6º ano/9, sendo elas, Ana e Maria⁵, A primeira tinha 11 anos e a segunda aluna tinha 14 anos de idade.

Nesse caso para a compreensão de surdez, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, na qual identificou-se que há duas concepções distintas sobre surdez, são: clínica-terapêutica e a sócio antropológico. Para melhor explicar isto, cabe a citação abaixo:

Faz uma distinção entre as nomenclaturas “surdo e deficiente auditivo”, as quais, segundo ele devem ser usados como critérios. Ele diz que no contexto formal é utilizada a terminologia “pessoas com deficiência auditiva” para referirmos ao grupo em geral e a “surdos,

⁵ Para preservar a identidade das alunas surdas, utilizou-se de nomes fictícios de forma que possamos dar um melhor esclarecimento sobre aos assuntos discutidos.



“pessoas surdas” em situações pessoais, informais, coloquiais. (SASSAK, 2003 apud ALMEIDA, 2008).

De acordo com a citação, pode-se perceber que a primeira concepção está relacionada à clínica-terapêutica, em que a surdez é tida como doença e o surdo é tido como um deficiente auditivo. E nesta concepção está inserida na capacidade de percepção de sons e aos quatro graus de surdez, eles são: surdez leve, moderada, severa e a profunda, elas são diagnosticadas por exames médicos e a surdez é representada como uma patologia.

Observa-se que a segunda concepção de surdez está relacionada ao sócio-antropológico, ao relacionamento com o social, com as experiências do surdo com o visual, levando-o a construir um conhecimento através de língua de sinais, no caso, no Brasil, a LIBRAS, e por outros meios de comunicação.

Utilizando as duas concepções de surdez, o Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, afirma: “*Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso de Língua Brasileira de Sinais*”.

Desse modo notamos que a aluna Ana apresenta surdez profunda e nasceu surda. Ela não faz uso de aparelho de amplificação sonora. Sua comunicação é feita por gestos e por LIBRAS. Enquanto a aluna Maria apresenta surdez moderada, pois ficou surda por motivo de doença. Esta usa o aparelho de amplificação sonora. Sua comunicação é feita por gestos, por LIBRAS e em alguns momentos durante a sala de aula, ela tentava fazer o uso da oralidade para se comunicar com os ouvintes.

PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA SURDOS

Atuação pedagógica da professora de inglês

No que tange a atuação pedagógica da professora de inglês numa turma de ensino regular público com alunos surdos são os aspectos da didática referente ao



ensino e aprendizado no idioma, especificadamente para os alunos surdos. Nesse âmbito buscamos relatar os momentos vivenciados em sala de aula durante a aplicação dos conteúdos e a aprendizagem dos alunos surdos nas aulas de inglês.

Diante desta perspectiva adentramos neste cenário afim de observar e analisar essa atuação pedagógica a partir do dia 7 de novembro de 2012, no qual a pesquisadora foi apresentada à professora de inglês e aos alunos ouvintes e surdos do 6º ano/9.

Depois a pesquisadora ficou sentada no lado esquerdo da sala, em um local onde os alunos não poderiam enxergá-la constantemente. Finalizando a aula, foi pedido autorização para a realização de entrevista acerca do ensino da língua inglesa para surdos, e no decorrer das observações, a mesma iria realizar outra entrevista, mais com a itinerante, relacionando ao mesmo tema da professa.

Em outro momento de atuação da professora Clara, no dia 10 de novembro de 2012, foi observado que a professora passou a unidade 6 do livro didático “Keep in mind”, ela iniciou explicando a gramática da unidade no quadro e posteriormente pediu para que os alunos fizessem os exercícios de composição de uma narrativa, e finalizando a aula com a correção desse texto.

Desta forma, a gramática e a produção escrita é importante para o desenvolvimento da leitura, compreensão e da escrita alunos, os PCNs (1997, p.47), abordam que os alunos são aqueles capazes de elaborar textos coerentes, coesos e eficazes; de reconhecer os objetivos de seu texto e selecionar o gênero de acordo com esses objetivos; de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto; de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento.

Durante as observações nas aulas de inglês, a professora Clara comentou que alunas surdas têm o contra turno no Instituto Felipe Smaldone, no turno da tarde, no contra turno elas reforçam os seus conhecimentos dos conteúdos. Sendo assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 34, aborda que o contra turno são quatro horas de aula ampliada, sendo em outro turno em que o aluno não esteja estudando.



As alunas não oralizam com frequência, a comunicação delas era através da LIBRAS. Importante ressaltar que as alunas ficam a aula toda juntas, sentam perto uma da outra e a comunicação entre elas é intensa, já que elas sabiam LIBRAS. Alguns alunos ouvintes sabiam um pouco de LIBRAS e acabam se comunicando mais com as meninas surdas, já os alunos que não sabiam, acabam não tendo muito contato com as meninas surdas. Com isso, Falcão (2007) constata que os surdos, que adquiriram a LIBRAS, utilizam-na, língua viso espacial, como primeira língua, enquanto os ouvintes usam como primeira língua, a LP, língua oral-auditiva.

Entretanto, as duas línguas não constituem uma oposição, mas sim, constituem possibilidade de comunicação. Se essas línguas forem utilizadas em uma sala inclusiva para surdos, haverá aprendizado significativo para as alunas surdas.

Durante as observações, no dia 01 de dezembro a professora iniciou a unidade 8 do livro *Keep in mind*, passou o conteúdo plural e singular e a gramática deste conteúdo no quadro. No decorrer da aula Clara passou um material concreto sobre Plural e Singular. Esta atividade era feita com uns cartões com as palavras no plural, os alunos pegavam e falavam qual era a regra do plural aquela palavra estava certa. Nesta atividade as alunas surdas participaram, mas só apontavam, elas conseguiram identificar porque elas prestaram atenção na explicação do quadro e também que do lado da palavra, tinha a imagem, então elas assemelharam a figura com a palavra e posteriormente com a explicação do quadro. Vale ressaltar que nas vezes que as alunas surdas participavam, os alunos ouvintes as ajudavam, e acabam estimulando-as nas realizações das atividades

Neste sentido, Vygostky (2003) considera as atitudes humanas são frutos dos resultados e das interações com o sociocultural, pois haverá sempre uma mudança. Assim, verificamos que o desenvolvimento de aprendizagem das alunas estava relacionado com o contexto social, principalmente com ajuda mútua dos alunos no momento da atividade.

Durante do contexto do ensino da língua inglesa para surdos, identificamos um profissional importante para este ensino, este profissional é a itinerante, a Rose. O seu auxílio no ensino da língua inglesa aconteceu no dia 5 de dezembro de 2012, no



momento em que a professora Clara pediu para que Rose revisasse os conteúdos do bimestre para a 3^o avaliação. No momento em que a itinerante repassava em Libras os conteúdos para as alunas surdas, ela sentiu uma dificuldade no conteúdo “This is” e “These are”, na mesma hora ela pediu para que a professora explicasse primeiramente para ela e depois ela iria repassar para as surdas. Depois que sinalizou, Rose relacionou o conteúdo através de LIBRAS, português e sempre a imagem no livro. Percebemos que as alunas surdas haviam sentido mais segurança no assunto e mais compreensão, pois elas interagiam mais com a itinerante por Rose se comunicar em LIBRAS. Desse modo, a itinerante trabalhou como mediadora e, por intermédio, segundo Vygotsky, da ZDP⁶, auxiliou as alunas buscarem um desenvolvimento real, aproximando o potencial de cada uma.

Ao analisarmos a prática de ensino de Clara e Rose no ensino de inglês para as alunas Ana e Maria, é importante ressaltar sobre o resultado da prova das alunas. Contudo, não era de surpreender acerca do resultado das notas, as alunas surdas conseguiram ficar na média da escola, principalmente conseguiram aprender os conteúdos de inglês. Ana e Maria conseguiram tirar notas melhores de que alguns ouvintes, podemos observar que há um processo de ensino significativo por parte das professoras.

OLHAR DO PROFESSOR DIANTE DA LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS SURDOS

Quando abordamos o olhar do professor sobre a língua inglesa para surdos, é uma indagação acerca dos aspectos relevantes que ele acredita ser importante perante ao ensino. Desse modo veremos a concepção da professora respeito do inglês para educação de surdos:

Professora Clara: O inglês não é difícil de ser aprendido, eu acho que para as alunas surdas também. A dificuldade delas podem ser a mesma do que aos outros alunos. Mas eu acho que a falta de comunicação ainda acaba sendo uma das maiores dificuldades tanto

⁶ ZDP é a distância entre o nível de desenvolvimento potencial e real do educando.



para mim quanto para elas. (Entrevista realizada no dia 17 de novembro de 2012).

Esse discurso demonstra que a língua inglesa nas séries iniciais tem como objetivo desenvolver as potencialidades individuais e o trabalho coletivo, tendo como base o estímulo e à autonomia do aluno. Já em relação à interação social dos alunos durante o aprendizado de língua estrangeira no ensino fundamental é importante que os professores de língua inglesa, criem meios e mecanismos que estimulem os alunos para o aprendizado de um novo idioma, obtendo através disto, a motivação dos alunos que é essencial para o aprendizado de todos os alunos, independentemente de sua necessidade ou de sua diferença.

Enquanto o aprendizado da língua inglesa na sala de aula, a professora relata ainda que:

Professora Clara: A leitura e escrita estão mais presentes nos textos, nas atividades de escrita, com essas atividades, eu percebo a leitura, interpretação e a escrita de todos os alunos. Quando eu coloco no quadro, eu percebo que as meninas acabam tendo mais interesse pelo inglês, em relação ao método eu percebo também que nas notas das meninas são boas, o inglês é sempre relacionado ao português, as imagens, figuras, rótulos, livro. Percebo ainda que as alunas surdas se comunicam melhor comigo através de gestos e mímicas, pois elas sabiam que eu não sei Libras. (Entrevista realizada no dia 17 de novembro de 2012).

Esse discurso apresenta que a professora utiliza com mais frequência à leitura e escrita durante suas aulas. Segundo os PCNs, a concepção de leitura deve ser vista como uma construção social, e não um ato de decodificar a palavra escrita, em que o único conhecimento utilizado pelo aluno que ler algo. (p.93). Já na aprendizagem da leitura em relação à língua estrangeira como fator que pode auxiliar o desempenho do aluno como leitor em sua língua materna (p.20). Entretanto, sabemos que a primeira língua do surdo é a língua de sinais. Então, quando o ensino de inglês é ensinado



para alunos surdos a partir da língua de sinais, a sua aprendizagem é mais significativa, pois ele está se utilizando da sua própria língua.

No entanto a professora ainda comentou acerca da comunicação entre ela e os alunos surdos e ouvintes:

Professora Clara: Demais, eles se comunicam, mas sempre tem pessoas que sabem mais LIBRAS, e aí se comunicam mais. Eu me comunico pouco, preciso aprender LIBRAS. (Entrevista realizada no dia 17 de novembro de 2012).

Esse discurso demonstra que há comunicação harmoniosa entre os alunos surdos e os alunos ouvintes, porém há um distanciamento entre a professora de inglês e os alunos surdos, já que Clara não sabe LIBRAS.

Ademais, podemos identificar outro olhar acerca do ensino de inglês para surdos, este olhar é da professora itinerante do 6º ano/9, na qual aborda a realidade do processo de ensino/aprendizagem da disciplina. Ao tratarmos se ela já auxiliou no ensino de língua inglesa:

Itinerante Rose: Já sim. Quando a professora de inglês pede algum auxílio, a gente conversa sobre o assunto e fico auxiliando o aluno na sala de aula mesmo, um exemplo, se for algum aluno surdo, eu sinalizo todo o conteúdo em LIBRAS, relaciono o inglês com o português, mas sempre em LIBRAS. Eu percebo que essa é uma dificuldade dos professores pelo fato de não conhecerem a LIBRAS acabam nem relacionando bem com os alunos surdos. (Entrevista realizada no dia 17 de novembro de 2012).

Este discurso da Itinerante demonstra a importância do conhecimento de LIBRAS. A lei de LIBRAS que fala sobre que a primeira língua do surdo é a LIBRAS e através dela o aluno surdo aprende mais fácil. Neste sentido, em 2002, a língua brasileira de sinais (Libras) foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dos surdos brasileiros pela Lei Federal n. 10.436. Além do mais, a LIBRAS é a primeira língua dos surdos no Brasil, a qual ele se comunica e aprende melhor usando-a. Durante as observações pudemos perceber que o auxílio da LIBRAS é



muito importante no processo de ensino e aprendizagem das alunas surdas, pois elas se comunicavam e falavam que estavam aprendendo, de fato, isto aconteceu, os resultados disto, foram as notas destas alunas nas provas escritas.

Ao tratarmos de obstáculos enfrentados no ensino da língua inglesa, a itinerante abordou que:

Itinerante Rose: Não, em nenhuma outra disciplina. No caso pessoas surdas têm que aprender primeiro LIBRAS. Quando vou ensinar algum conteúdo sempre me refiro no português e imagem, sempre sinalizando em LIBRAS. Tanto que tem muitos surdos que não sabem oralizar, a sua comunicação é somente com a LIBRAS. Se esses alunos sentirem muita dificuldade em alguma disciplina específica, isso vai ser levado para o contra turno, o contra turno dos alunos daqui do Barão, é no Felipe Smaldone, e eu sou uma das professoras que trabalham na sala de apoio, que a mesma funciona o AEE, então, isso é repassado para a gente e gente fica auxiliando e reforçando mais o ensino daquele aluno diante daquela dificuldade de conteúdo.

Esse discurso da itinerante, podemos perceber que ela não sente dificuldades em trabalhar com os surdos, pois ela se utiliza inicialmente da LIBRAS, e posteriormente ela intercala entre o português e imagem, sempre assemelhando-as. Importante ressaltar que a itinerante comenta acerca do AEE – Atendimento Educacional Especializado que complementa a formação do aluno com vistas à autonomia na escola comum e fora dela. Além do AEE como auxílio no ensino dos alunos surdos, tem o Contra turno, que é um estudo ampliado, de acordo com a LDB - 9.394/96, é a jornada de estudo ampliada com mais quatro horas em um turno fora do horário do ensino regular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a realização deste artigo visa contribuir ainda mais para o conhecimento dos profissionais da Educação. Observo a importância não somente nas aulas de inglês para surdos, mas sim, em todos os aspectos que se referem à escola em que foi realizada a pesquisa, como em sua estrutura organizacional, na



relação da professora de inglês com os alunos surdos e ouvintes, na relação entre a professora itinerante com a professora de inglês, na relação entre a itinerante com as alunas surdas, e, por fim, na relação dos alunos surdos com os alunos ouvintes durante as aulas de inglês.

Diante dessa realidade focamos o olhar durante as observações no processo de ensino/aprendizagem do ensino da língua inglesa a partir das aulas da professora e do auxílio da professora itinerante, elas foram o objeto de investigação durante o estudo de caso.

Percebemos que durante as aulas de inglês, a professora de inglês não interagia com frequência com as alunas surdas, pois a professora não sabia LIBRAS, geralmente ela pedia para que os alunos ouvintes explicassem para as meninas o que ela queria ou ela escrevia no quadro.

Em relação à compreensão das alunas surdas, percebemos um grande avanço no aprendizado delas com a presença da itinerante, pois a itinerante se comunicava em LIBRAS, a primeira língua delas, posteriormente a itinerante associava a língua portuguesa (L2), e por fim, com a língua inglesa.

O inglês foi aprendido de uma forma significativa, tendo êxito na leitura e na escrita da língua inglesa. Essa aprendizagem aconteceu através de conteúdos passados no quadro, e sempre associando o inglês com o português, além do mais, os exercícios geralmente eram mais de gramática e outros eram lúdicos, bem ilustrativos.

Acreditamos que, todas as comunicações possíveis usadas na sala de aula durante as aulas de inglês foram importantes, tais como: os gestos, LIBRAS, escrita, mímica, tendo contribuído no processo de ensino/aprendizado da língua inglesa.

Portanto, através da realização desse estudo, em vista que há uma carência de pesquisas e estudos voltados para o ensino de inglês para alunos surdos no ensino



regular público. Neste caso, faz-se necessário mais trabalhos científicos diante da temática aqui trabalhada.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Marli (Org.) Guia de Estudos de Disciplinas: A Surdez sob o Enfoque da Inclusão. UEPA, Belém – PA, 2008.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edições 70 – Lisboa, 1977.

CHIZZOTTI, Antonio, Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 2001.

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa Social: teoria, método e criticidade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília Minayo (organizadora). 31. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FALCÃO, L. A. *Aprendendo a LIBRAS e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão*. 2. ed. Recife: Ed. do Autor, 2007

PACHECO, José. *Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar*/ José Pacheco, Rósa Eggerstsdóttir, Gretar L. Marinósson. – Porto Alegre: Atrmed, 2007.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. *Educação especial no Brasil: História e políticas públicas*. 5º. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil do Brasil**. Brasília, DF: senado, 1988.

_____.lei número 9.934, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: senado, 1996.



_____. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. . Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares (Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais). Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua estrangeira.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC, 1998.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* Trad. de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.